

# O PORTUGAL DO JORNALISTA OLAVO BILAC

THE PORTUGAL OF JOURNALIST OLAVO BILAC

Marta Eymael Garcia Scherer

Doutora e mestre em Literatura pela  
Universidade Federal de Santa Cata-  
rina

**Resumo:** Considerado um dos intelectuais brasileiros de maior destaque da virada do século XIX para o XX, Olavo Bilac manteve uma estreita relação com Portugal, país que visitou em pelo menos três ocasiões. Admirador de Eça de Queiroz, com quem dividia as páginas do jornal carioca Gazeta de Notícias, Bilac tinha contato próximo com muitos intelectuais portugueses, de que foi um interlocutor loquaz. Encontramos registros dessa relação do cronista com Portugal e com os portugueses em jornais e revistas publicados dos dois lados do Atlântico, cujos textos nos mostram que Olavo Bilac era considerado como autêntico porta-voz do jornalismo luso-brasileiro.

**Palavras-chave:** Olavo Bilac, Portugal, crônica.

**Abstract:** Considered one of the most outstanding Brazilian intellectuals from the turn of the 19th to the 20th century, Olavo Bilac maintained a close relationship with Portugal, a country he visited on at least in three occasions. An admirer of Eça de Queiroz, with whom he shared the pages of the Rio de Janeiro newspaper *Gazeta de Notícias*, Bilac had close contact with many Portuguese intellectuals, of whom he was a loquacious interlocutor. We find records of this chronicler's relationship with Portugal and with the Portuguese in newspapers and magazines published on both sides of the Atlantic, whose texts show us that Olavo Bilac was considered an authentic spokesman for Luso-Brazilian journalism.

**Keywords:** Olavo Bilac, Portugal, chronic.

## 1. O jornalista Olavo Bilac

“Não nos há de a viagem separar, amigo leitor. Tu irás comigo, como meu confidente e camarada, pelos mares e pelas terras, vendo e ouvindo o que eu vir e ouvir por esse mundo em fora” (BILAC *in* SIMÕES, 2011, p. 240). Com essas palavras o jornalista Olavo Bilac se despede dos seus fiéis leitores brasileiros quando embarca para Portugal em 1904. É esse Bilac jornalista que apresento neste artigo, viajando junto com suas crônicas para demonstrar sua paixão à profissão e a Portugal.

Apesar de ter entrado para o cânone literário como o grande poeta parnasiano, foi nos seus textos em crônica, escritos ao longo de duas décadas, que deixou registros das mudanças do Brasil e do mundo no final do século XX e início do século XIX. Esse Bilac fez da escrita cotidiana da crônica uma maneira de se inserir intelectualmente na vida pública do país. Apesar de já ser um poeta renomado com 23 anos, foi com o exercício do jornalismo que defendeu suas ideias, encontrou um ganha-pão, fez-se ainda mais conhecido, organizou e integrou associações de classe, e, com essas ações, acompanhou a entrada de seu Rio de Janeiro na modernidade.

Ambos, jornalista e poeta, coexistiam para defender seu ofício, como explica o mais importante estudioso de Olavo Bilac, Antonio Dimas, lembrando que “aos poucos o verso estético cedia lugar à prosa ética;

aos poucos, mas nunca de forma absoluta, o jornalista fazia sombra ao poeta” (DIMAS, 2006, p. 124).

A mesma opinião é compartilhada por, pelo menos, dois proeminentes portugueses que conviveram com Bilac: o ministro Mário Monteiro, inclusive autor de um livro sobre as visitas de Olavo Bilac a Portugal, escreveu que o “Bilac jornalista correspondeu, sem o menor desequilíbrio, ao Bilac poeta” (MONTEIRO, 1936, p.11); já Fernandes Costa, em discurso de homenagem pelo falecimento do membro da Academia de Letras, lembra que “Olavo Bilac, como todos os grandes artistas literários, atingiu notável perfeição ao exercício desses dois poderosos instrumentos de comunicação com o público” (SCHERER, 2013, p.63).

Em sua época, parece que não havia dúvida sobre sua importante atividade jornalística. O jornal *Gazeta de Notícias*, de 13 de março de 1900, publicou nota sobre a viagem para a Argentina de Bilac, como representante da imprensa brasileira, na qual se lê: “o notável jornalista é mais do que ele próprio nos diz: não é uma esperança das letras no Brasil, mas sim uma realidade; um talento vigoroso e elástico de cronista contemporâneo que sabe brilhantemente dizer o que sente” (BILAC in SCHERER, 2013, p.63). Nas palavras de Antonio Dimas, Bilac por vezes sentia-se “mais à vontade no perfil de jornalista que de poeta” (DIMAS, 2006, p. 11)

A imprensa não só foi central na vida do autor, como também deu vazão a uma obra diferenciada, já

que, como afirmou Jeffrey Needell, “em sua escrita, Bilac mantinha uma dualidade. Na época, sua poesia já saíra de moda na França, mas sua prosa estava bem no compasso das novidades” (NEEDELL, 1993, P.243). Dessa forma, se o parnasianismo o marcou como um poeta tradicional, sua extensa prosa colocou o autor no rigor do que estava em voga. Com mais do que conhecimento de causa, Antonio Dimas comprovou que os mais variados temas foram comentados por Bilac, que encontrou nos periódicos um caminho para expor suas impressões:

Nesses quase vinte anos de jornalismo diário, muitas vezes espalhado por mais de um veículo, seu posto privilegiado permitiu-lhe uma visão angular da sociedade, cujas frinças e reentrâncias dificilmente escapavam ao seu olhar bisbilhoteiro e nem sempre certo. Ideologicamente irregulares como é de se esperar de quem não se pautava por um credo único, religioso ou político, as crônicas de Bilac pouco atraem aqueles que precisam de posições alheias para confirmar as suas. Mais que escora, elas se prestam ao investigador minucioso que esteja preocupado com uma visão mais abrangente de dado período. Porque, nelas, o material é farto. (DIMAS, 1996, p.14)

Dos versos idealizados na solidão da escrivania à crônica redigida no tumulto da redação encontra-se o movimento desse intelectual, que sai de dentro de casa para observar as ruas, que vai do livro para o jornal, dos corações partidos para as reformas urbanas. Segundo Luís Augusto Fischer, foi nas crônicas que

Bilac aderiu completamente ao “ritmo frenético de seu tempo” (FISCHER, 2003. p.89). O homem que se tornou sucesso de público aos 23 anos com seu livro *Poesias* praticamente deixou de lado o fazer poético para dedicar-se ao jornalismo, com a naturalidade de quem observa, constata, absorve, introjeta e registra a modernidade incipiente. Como recentemente analisou Luís Augusto Fischer, os poetas dessa geração foram intelectuais ativos:

Ao poeta proscrito e exilado sobrepõe-se, com Bilac e seus pares, o poeta que intui sua função no mundo moderno: o mundo da representação que, um século depois de iniciar-se, chega flamante e exacerbado a nossos dias. Na soleira desse nosso mundo, inaugurado pelos eufóricos parnasianos da belle époque carioca, o poeta é o escritor que reivindica pagamento, que fala da profissionalização, que funda associações e academias.

Em uma palavra: gramscianamente orgânico, o parnasiano é um escritor que vai á luta. Trabalha e teima e lima e sofre e sua não apenas nos catorze apertados versos de um soneto, mas sobretudo no nada estéril turbilhão da rua. (FISCHER, 2003. p.8)

Olavo Bilac foi um dos mais atuantes exemplos dessa categoria de escritores jornalistas. Da imprensa, muito mais que dos cargos públicos, obteve seus recursos econômicos permanentes. Jornalista de crônicas diárias ou semanais, acompanhou e testemunhou a transformação das tediosas folhas doutrinárias nos primeiros jornais modernos; a aparição da

informação gráfica ‘ameaçando’ a palavra escrita; a irrupção toda poderosa da “notícia” como labor das agências informativas; o surgimento do critério de ‘novidade’ e do ‘sensacionalismo’. Chegou inclusive a perceber o ofuscamento crescente do escritor pelo novíssimo especialista que surgia, o repórter, uma figura nascida do jornalismo norte-americano.

Mais do que uma profissão, o jornalismo era uma paixão de Olavo Bilac, como descreveu em texto em que recordava como se desenrolaram suas atividades na imprensa:

Um pobre rabiscador de crônicas principia a escrever uma seção diária, numa folha, por necessidade ou por desfastio; dentro de poucos meses, já a escreve por gosto; e dentro de menos de dois anos, escreve-a por paixão – por uma dessas paixões que são feitas ao mesmo tempo de amor e de hábito, de prazer e de vício, de revolta e de ciúme, - cativoiro voluntário, que o cativo às vezes amaldiçoa, mas do qual não se quer libertar. (BILAC *in*: SIMÕES 2001, p.56)

## 2. A trajetória intelectual

Como quase tudo em sua carreira, o início de sua trajetória como jornalista trouxe um paradoxo: começou em São Paulo. Logo ele, que amava e vivia o Rio de Janeiro de forma intensa, apaixonada. Entretanto, em 1887, ao tentar se formar advogado na conceituada faculdade do Largo de São Francisco, o jovem Olavo



viu na imprensa sua possibilidade de ganhar pão. O jovem que já havia largado a faculdade de Medicina, na qual entrou aos 16 anos com permissão especial de Dom Pedro II, tampouco se formou em Direito.

Em 1889 voltou ao Rio de Janeiro, onde continuou a trabalhar como jornalista, empenhando-se nas campanhas abolicionista e republicana. No primeiro ano do novo regime escreveu crônicas para o *Correio do Povo* e, em 1890, trabalhou na Europa por um ano como correspondente do jornal do abolicionista José do Patrocínio, o *Cidade do Rio*: já era um jornalista profissional.

Com a ascensão do “marechal de ferro” ao poder, o cronista que retornou à atividade tão logo chegou ao Brasil, dirigiu fortes ataques ao ditador, através de textos publicados no jornal de Patrocínio e, sobretudo, em *O Combate*, fundado por ele, Lopes Trovão e Pardal Mallet. “Parnasiano apenas na arte, Bilac teve forte atuação política como jornalista” (COSTA, 2005, p50) e, além de publicar artigos atacando o governo, participou de manifestações populares e até de uma tentativa de contragolpe em abril de 1892.

Como consequência, em 1892 foi preso por quatro meses na Fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro. Solto, voltou ao ofício e chegou a secretário de redação do *Cidade do Rio*, um posto importante na carreira que exercia. Nesse mesmo ano, entretanto, teve que se exilar em Minas Gerais, quando o jornal de Patrocínio foi fechado pelo governo de Floriano Peixoto. O exílio

não o fez interromper suas atividades de jornalista: enviava crônicas para a Capital Federal, mandando notícias importantes como a do lançamento da nova capital mineira, a primeira cidade projetada do Brasil: Belo Horizonte.

Voltou ao Rio de Janeiro em 1894, quando o estado de sítio – que só atingia o Distrito Federal – foi levantado. Porém, mal desembarcou na Central do Brasil e foi detido pela polícia de Floriano Peixoto. Como resultado de sua volta precipitada, acrescentou no seu currículo mais uma semana de cárcere. Ao total foram quatro as vezes em que esteve preso, episódios que provavelmente colaboraram para sua declarada e mal resolvida ojeriza à política.

Passados os primeiros anos conturbados do novo regime, Olavo Bilac conquistou um papel de destaque na vida intelectual carioca, trabalhando intensamente na imprensa. O jornalista combatente e perseguido pela ditadura florianista saiu de cena e entrou, junto com grande parte da intelectualidade da época, o defensor da *Belle Époque*, o símbolo da vida literária. Não manteve sua posição de oposição ferrenha ao governo, embora tenha mantido um tom crítico em muitas de suas crônicas e mostrado “desconforto em relação a alguns aspectos das mudanças ou à perda de alguns antigos ideais e tradições. Na maioria das vezes, porém, aceitavam a belle époque tal como ela se apresentava” (NEEDELL, 1993, p. 260), como afirma Jeffrey Needall.

Para acompanhar as transformações de um país que se modernizava, Olavo Bilac encontrou nas páginas dos jornais as companheiras ideais para viver um momento de mutação. Foi nelas que defendeu seus temas preferidos como progresso, reformas urbanas, hábitos da população, alfabetização e tudo mais que revelava de e em sua “amada sebastianópolis”, lugar onde ninguém é “capaz de guardar segredo por mais de vinte e quatro horas. Nós amamos o grande sol da publicidade, o ar livre da divulgação.” (BILAC *in* SCHERER, 2013, p.67). E foi assim que divulgou seu Rio de Janeiro e seu pensamento por quase duas décadas, sendo chamado por Gilberto Freyre de *poeta-sociólogo* por causa de suas observações sobre a cidade –feitas em prosa, não em versos.

Entre centenas de títulos publicados na então Capital Federal e na emergente São Paulo, os de maior destaque eram a A Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio, O Estado de S. Paulo, Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, entre outros. Os periódicos ainda disputavam espaço com revistas como A Semana, Kósmos, Fon-Fon, Revista Ilustrada, A Careta e muitas mais. Em quase todos encontramos a colaboração do cronista. Com seu “jornalismo combativo e pragmático”, como descreve Antonio Dimas, “O.B. desenvolveu extensa carreira como cronista, chegando a negligenciar, em parte, sua atividade como poeta” (DIMAS, 2006, p.46).

Conta o poeta Gamaliel de Mendonça, que havia convivido com Bilac, que o ouviu afirmar que “inspiração é quebradeiras... Eu, de mim confesso: depois que comecei a ter algum dinheiro, perdi um pouco a veia poética.” (SCHERER, 2013, p.68). Lembrando que o jornalista Bilac deixou escrito que não tinha “mais tempo nem paciência para andar à cata de rimas”, a frase bem pode mesmo ter sido dita.

Foi este Bilac que em sua trajetória acompanhou as mudanças no país. Quando o Brasil vivia a abolição da escravatura e a proclamação da República, era boêmio e contestador. Nos atribulados anos de implementação do novo sistema, foi contestador e político, no auge da *Belle Époque*, foi um entusiasta. Era, sem dúvida, um homem de seu tempo e “o trabalho que empreende, desta forma, afina-se com a mais pura tradição da modernidade, compreendida por campo de tensões e contradições” (CAPELA, 2005, p. 157).

Ainda que se refira a João do Rio, contemporâneo e companheiro da Belle Époque, a afirmação de Carlos Capela poderia muito bem ter sido formulado para a vida de Olavo Bilac, cuja carreira foi composta de diversas facetas. Transgressor quando jovem, parnasiano na poesia, polêmico na imprensa, burocrata no serviço público. Um príncipe que inspecionava escolas.

Ourives na poesia, produziu obras didáticas, elaborou reclames, escreveu na imprensa, realizou conferências. O certo é que tinha como traço funda-

mental de sua personalidade o papel de comunicador, deixando um legado de quem dominou a escrita, absorveu e assumiu as posições e correntes de sua conturbada época. Com uma eloquência caracterizada como “irresistível” por Antônio Candido, o escritor era amado e idolatrado.

Em 1897 substitui ninguém menos que Machado de Assis na crônica semanal do jornal *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, obtendo assim sua consagração na vida de jornalista. Ainda que só tenha começado a assinar a coluna a partir de 1903, o “acento pragmático” de suas crônicas é facilmente observado em todos os anos da colaboração, como comprovou Antonio Dimas (DIMAS, 2006, p. 123), que também apontou para o tom informal, próximo e familiar que o escritor utilizava, estando aí uma pista de sua cumplicidade com o leitor, o que lhe conferia extraordinária popularidade. Esse mesmo tom é que uma das principais características da crônica brasileira.

Em biografia sobre Bilac, Raimundo Magalhães pergunta e responde: “Por que era Olavo Bilac um cronista tão lido, tão comentado, tão apreciado? Pela variedade de assuntos de que se ocupa e elegância de seus escritos, pela boa informação que veiculava e pelo arejamento de sua mentalidade progressista e adiantada”. (MAGALHÃES, 1974, p.290)

Olavo Bilac tomou a tarefa a sério e a levou para toda vida, tornando-se uma síntese de sua classe, de seu grupo, de sua época, de sua cidade, justo no mo-

mento que a imprensa se consolidava como meio de comunicação de massa, afirmando-se como veículo social e informativo. Ao se deixar levar durante quase 20 anos pela vida de imprensa, Olavo Bilac definiu seu nome e seu lugar como intelectual participante, distante da “torre de marfim”, que não raro frequentou com sua poesia.

O jornalista foi um dos mais atuantes exemplos da categoria de escritores jornalistas e deixou preciosos testemunhos da vida de imprensa de então, como neste em que enaltece o trabalho jornalístico e compara a redação a uma colmeia:

Logo de manhã, ao primeiro raio tépido do sol, sai o bando das abelhas espertas, encarregadas de recolher a messe dos fatos e das notícias. Ainda a cidade está mal acordada, num atordoado estremunhar, e já os *reporters* açodados fazem um inventário da vida geral, dão balanço aos casos da véspera, surpreendem nos segredos da política, devassam o mistério das secretarias, correm hospitais e enxovias, forçam a entrada de todas as casas, sondam os sonhos dos que ainda estão dormindo, seguem os primeiros passos dos que já se levantaram, apanham no ar o pensamento dos que governam, põem em pratos limpos as mais complicadas reservas, espiam os mais recatados escaninhos, - e, quando voltaram à colméia, vêm carregadas de provisões abundantes de boas e de más notícias, de casos alegres e de casos tristes, de cenas de comédias e de cenas de tragédia. (BILAC *in*: SIMÕES, 2011, p. 193)

Dessa imprensa de casos alegres e de casos tristes, muito mais que dos cargos públicos, é que obteve

seus recursos econômicos permanentes. Jornalista de crônicas diárias ou semanais, acompanhou e testemunhou a transformação das tediosas folhas doutrinárias nos primeiros jornais modernos; a aparição da informação gráfica ‘ameaçando’ a palavra escrita; a irrupção toda poderosa da notícia com o labor das agências informativas; o surgimento do critério de novidade e do sensacionalismo a qualquer preço. Chegou inclusive a perceber o ofuscamento crescente do escritor pelo novíssimo especialista que surgia, o repórter, uma figura nascida do jornalismo norte-americano. Mais do que uma profissão, o jornalismo era uma paixão de Olavo Bilac, como descreveu em texto que lembrou como se desenrolaram suas atividades na imprensa:

Um pobre rabiscador de crônicas principia a escrever uma seção diária, numa folha, por necessidade ou por desfastio; dentro de poucos meses, já a escreve por gosto; e dentro de menos de dois anos, escreve-a por paixão – por uma dessas paixões que são feitas ao mesmo tempo de amor e de hábito, de prazer e de vício, de revolta e de ciúme, - cativo voluntário, que o cativo às vezes amaldiçoa, mas do qual não se quer libertar. (BILAC *in*: SIMÕES JR, 2011, p.405)

### 3. Bilac em Portugal

Olavo Bilac viajou a Europa pela primeira vez em 1890, ocasião em que conheceu pessoalmente Eça de Queiroz. Dez anos depois, por ocasião da morte do escritor português, deixa registrado em crônica sua emoção em apertar a mão do autor de *O Crime do Padre Amaro*. Ainda que o encontro tenha sido na França, o texto transparece toda admiração do brasileiro pelo grande intelectual português, com quem dividia espaço nas folhas do *Gazeta de Notícias* carioca e, pelo que parece, também uma maneira de ver o mundo.

Se duas décadas exatas punham Eça e Bilac em distância etária razoável, aproximava-os, no entanto, o humor, ainda juvenil do brasileiro, mais maduro, no caso do português.

Consequência literária desse encontro único documentou-a Heitor Lyra, que transcreve, em *O Brasil na vida de Eça de Queiroz*, versão galhofeira da história de Inês de Castro, escrita a oito mãos pelo poeta brasileiro, por Eça, sua esposa e sua cunhada, nos serões de Neuilly. (DIMAS, 2006, p.32)

Sua segunda viagem ao velho continente acontece em 1904. Um dos biógrafos do intelectual, Raymundo Magalhães Jr. (1974), comenta que Olavo Bilac nesta viagem levou junto seu terceiro livro de prosa, intitulado *Crítica e Fantasia*, cuja primeira edição efetivamente foi lançada pela Livraria Clássica Editora, de



A. M. Teixeira nesse ano. O escritor não perdia tempo quando se tratava de negociar seu trabalho intelectual.

É nessa mesma ocasião quando conhece de perto as reformas de Lisboa, capital que também seguia os passos do Barão Hausmann, arquiteto da grande reforma urbana parisiense que fez escola no mundo, inclusive no Rio de Janeiro. É importante lembrar que Olavo Bilac, que era um membro entusiasmado do grupo que realizava o famoso bota-abaixo carioca, sob comando do prefeito Pereira Passos. É assim que vê com as mudanças na capital portuguesa: “Lisboa, em dez anos, ganhou consideravelmente em conforto, em beleza, em arte; mas perdeu grande parte de seu aspecto pitoresco”, escreve aquele que foi um dos mais entusiastas porta-vozes das reformas urbanas do Rio de Janeiro, que só do outro lado do Atlântico percebe que “O centro da cidade é hoje a reprodução de um trecho qualquer de Paris, Berlin ou Viena. O progresso tem isso de mau: é um nivelador implacável, cuja preocupação constante é ir gradualmente reduzindo a um mesmo tipo, imutável e monótono, todas as coisas e todos os homens”. (BILAC *in* SIMÕES, 2011, p.252)

Bastantes diferentes são seus centenas depoimentos sobre o mesmo assunto quando a cidade em foco é o Rio de Janeiro, como nesse texto escrito pouco mais de um ano depois, que afirma que quando as reformas da Avenida Central e da Avenida Beira-Mar

estiverem concluídas, a cidade começará a “possuir a vida civilizada e elegante” e então a população não mais se recordará “do que era a nossa vida tediosa e vazia, sem teatros, sem passeios, de distrações limitadas à maledicência dos homens na rua do Ouvidor e à pasmaceira das senhoras nas janelas. (BILAC *in*: DIMAS, 2006, p.683)

Foi ainda na viagem realizada em 1904 que o jornalista deixou interessante crônica que mais uma nos conta sobre duas de suas paixões: Lisboa e o jornalismo. Ao desembarcar depois de 15 dias atravessando o Atlântico, corre para o café Martinho, reduto de intelectuais lisboetas, ficando surpreso ao descobrir que não há jornais circulando há seis dias, devido a uma greve dos tipógrafos. É então que se pergunta “qual a cidade que pode passar sem jornais?” e expõe seu amor à imprensa:

Só quando se dá um caso como este, só quando uma *gréve* de toda a corporação tipográfica priva uma cidade do regalo e do consolo da leitura dos jornais, - é que se compreende o grande, o importante, o incomparável lugar que a imprensa diária ocupa na série das necessidades e das exigências da vida social de hoje. Uma cidade sem jornais é uma cidade morta, é um maquinismo sem ação, é um corpo sem vibração de sensibilidade e de mobilidade. Uma cidade sem pão, sem água, sem lua, sem meio de transporte, ainda pode viver: mas, sem jornais, é um deserto moral, é uma aglomeração de autômatos. (BILAC *in* SIMÕES, 2011, p.251)

Em suas primeiras ‘aventuras’ na Europa, Bilac tinha como foco o mundo literário e, sobretudo, a confirmação e reafirmação de nossas fontes culturais. Entretanto, já na segunda metade do século XX, suas viagens, acompanhando sua trajetória profissional e pessoal, adquirem um caráter político mais forte. De todos os momentos o intelectual deixou registros.

Nem mesmo a I Guerra Mundial impediu Bilac de voltar à Portugal em duas ocasiões: 1914 e 1916. Ainda que a segunda tenha sido a viagem mais festejada de Bilac, todas as vezes que pisou em solo português foi recebido com honrarias, como nos conta em texto que discorre sobre evento em que almoçou entre Ramalho Ortigão e Maria Amália Vaz de Carvalho, dois importantes intelectuais da época, e junto com autoridades brasileiras e portuguesas. Ao lembrar do evento para sua crônica do jornal *A Notícia*, ainda nos deixa a indagação “como hei de livrar-me desse amaldiçoado vício de só saber pensar em letra de forma? Só sei conversar comigo mesmo escrevendo” (BILAC *in* SIMÕES, 2011, p.254), demonstrando como a letra impressa era seu mundo.

É sobretudo em 1916 que recebe grandes homenagens da intelectualidade portuguesa, com ampla cobertura da imprensa que o proclamava como ‘autêntico porta-voz de uma latinidade americana e defensor da estimada ‘última flor de lácio’. Entre as muitas entrevistas concedidas aos veículos lusos, destaca-se a que foi publicada pelo jornal *A Capital*

em 28 de março de 1916, na qual é contundente em afirmar que o que mais urgente se impõe à nação brasileira é “uma intensa propaganda para desenvolver o espírito de coesão nacional”, como modo de se chegar à “comunhão do ideal de nacionalidade”.

Nem mesmo a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, ocorrida justamente quando o brasileiro estava em Lisboa, fez com que os jornais e os lisboetas ignorassem a passagem de Bilac pelo país:

Durante sua recente permanência em Lisboa, Olavo Bilac foi alvo das mais significativas homenagens de admiração e carinho por parte de todas as classes sociais. O chefe de Estado quis ter a honra de o sentar à sua mesa, oferecendo-lhe um jantar íntimo em que foram igualmente convivas algumas personalidades literárias e o diretor da Atlântida (...) O cortejo, composto de muitos milhares de pessoas, foi desfilar perante o edifício da câmara municipal, em cuja varanda estava o dr. Bernadino Machado, os membros do governo e os ministros das nações aliadas. Pouco antes, passara em frente do Avenida Palace e como a multidão descortinasse a uma das janelas Olavo Bilac, que presenciava o desfile, ergueram-se de todas as bocas, frementes de entusiasmo, vivas calorosos ao Brasil, à República irmã e ao seu grande poeta. Foram alguns minutos de inolvidável comoção. As salvas de palmas estrugiram, os chapéus e os lenços agitaram-se no ar, todos pararam voltados para Bilac surpreendido com aquela admirável demonstração de afeto à sua gloriosa pátria. O eminente lírico agradeceu profundamente sensibilizado, erguendo um Viva a Portugal. (DIMAS, 2006, pp.182-183)

A revista Atlântida, importante periódico português, publicou diversas matérias sobre o trabalho do poeta e jornalista brasileiro desde sua primeira edição, culminando com uma série de reportagens publicadas entre 30 de março e 3 de abril de 1916, durante a visita de Bilac a Portugal. A Atlântida foi um marco na história da imprensa luso-brasileira que ‘sobreviveu’ cinco anos com direção bi-nacional: João de Barros, pedagogo e ministro da I República, era o responsável em Lisboa, e João do Rio era responsável no Rio de Janeiro. Na primeira edição, em forma de manifesto, os diretores da Atlantida deixaram claro suas intenções

(...) Há muito tempo que a publicação d’uma revista literária que defendesse os interesses comuns do Brasil e de Portugal se impunha. (...) As características especialíssimas criadas pela Guerra europeia determinaram um irresistível movimento de solidariedade entre aqueles países e aqueles povos que vivem d’um mesmo ideal, que se alimentam da mesma tradição ou que descendem do mesmo tronco originário. (GUIMARÃES, 2013, p. 225).

É interessante lembrar que se vive nessa época, tanto na Europa quanto na América, um forte sentimento de reafirmação das nacionalidades. Assim, o fato de Brasil e Portugal se unirem no campo intelectual – menos de 30 décadas depois da proclamação da República – é uma importante demonstração de identidade entre os países. Já em crônicas anteriores de

Olavo Bilac encontramos esse desejo de união dos países. Em texto que publica no jornal da Exposição de 1908, evento dos mais importantes no período e que comemorava cem anos da abertura dos portos para o comércio exterior, o jornalista defende que a “nação portuguesa” participe da exposição, apesar desta ter caráter exclusivamente nacional. Entretanto, em sua visão “isso não impede que nela esteja representado, e em lugar de honra, esse país europeu, único que tem o direito de entrar aqui em pedir licença, devassando todas as dependências da casa, em sua qualidade de avô, que nunca é estranho na residência do neto”. (BILAC *in*: DIMAS, 2006, p.320)

#### 4. Final de viagem

Entre idas e vindas, acredito ter ficado clara a estreita relação de Olavo Bilac com Portugal, assim como sua relevância como jornalista e observador da realidade mais concreta. Fazendo coro às palavras de Eça de Queirós de que “a reportagem, bem sei, é uma útil abastecedora da história” (QUEIROZ, 1946. p.246) foi através das impressões deixadas em textos impressos que esse artigo foi baseado, fazendo jus ao intelectual que não só foi um jornalista atuante, como lutou pelo reconhecimento de sua atividade como profissão.

Numa grande homenagem de que foi alvo, em 1907, Bilac lembrou que quarenta anos antes não havia propriamente homens de letras no Brasil. “Ha-

via estadistas, parlamentares, professores, diplomatas, homens da sociedade ou homens ricos, que, de quando em quando, invadiam por momentos o bairro literário...” Na fase seguinte, poetas e escritores que desejavam ser apenas poetas e escritores cometeram o erro de mostrar desdém pela consideração que a sociedade lhes recusava. A geração de Bilac, e ele principalmente, transformaram o que era então passatempo em profissão, culto, sacerdotício. “Viemos trabalhar cá em baixo, no seio do formigueiro humano”. (BILAC, 1927, p.79)

E foi do meio do ‘formigueiro humano’ que viu e anotou os mais variados temas, para então analisá-los e encontrar nos periódicos um caminho para expor suas impressões. Em “quase vinte anos de jornalismo diário, muitas vezes espalhado por mais de um veículo, seu posto privilegiado permitiu-lhe uma visão angular da sociedade, cujas frinchas e reentrâncias dificilmente escapavam ao seu olhar bisbilhoteiro e nem sempre certo” (DIMAS, 1996, p.14)

Foram nas crônicas escritas no ‘calor da hora’ que os jornalistas da virada do século – tendo Bilac, no caso brasileiro, lugar de destaque – revelaram, como em nenhum outro texto, suas impressões sobre a mudanças pelas quais passava a sociedade. Bilac, que assim se referia aos seus textos publicados em periódicos, parece que acertou mais de uma de suas previsões:

Estes comentários leves, que duram menos ainda do que as estafadíssimas rosas de Malherbe, não deitam abaixo as instituições, não fundam na terra o império da justiça, não levantam nem abaixam o câmbio, não depravam nem regeneram os homens: escrevem-se, lêem-se, esquecem-se, tendo apenas servido para encher cinco minutos da monótona existência de todos os dias. Mas, quem sabe, talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa... (BILAC, *in*: DIMAS, 2006, p.227)



## Referências

- BILAC, Olavo. *Registro: crônicas da Belle Époque carioca*. Organização, introdução e notas: Álvaro Santos Simões Jr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- CAPELA, Carlos Eduardo S. Um rio excelso, o rio do excesso. DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs). *A cidade escrita – literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2005.
- COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalista no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*, vol.I, vol.II. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Editora da Unicamp, 2006.
- DIMAS, Antonio (Org.). *Vossa Insolência. Crônicas de O. Bilac*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Por uma nova Lusitânia: o projeto da revista Atlântida (1915-1920)*.R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 174 (461):223-234, out./dez. 2013. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-461/item/108195-por-uma-nova-lusitania-o-projeto-da-revista-atlantida-1915-1920.html>>. Acesso em: 13 de jun. de 2018.
- MAGALHÃES JR. Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.
- MONTEIRO, Mario. *Bilac e Portugal*. Lisboa: Agência editorial brasileira, 1936.
- NEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- QUEIROZ, Eça. *A Correspondência de Fradique Mendes. A Correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Livraria Lell & Irmãos Editora., 1946.

SCHERER, Marta Eymael Garcia. *Jornalismo em tempos modernos: os espaços e as gentes nas crônicas de Olavo Bilac*. 2013. 382 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PLIT-0531-T.pdf>> . Acesso em: 13 de jun. de 2018.

SIMÕES JR., Alvaro. S. *A sátira do parnaso*. Tese (Doutorado). PPGL. Assis: UNESP, 2001.

SOARES, Manuela Goucha. *O cantor Olavo Bilac tem 49 anos. Mas Olavo Bilac foi aplaudido em Lisboa há 101 anos*. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/cultura/2017-04-06-O-cantor-Olavo-Bilac-tem-49-anos.-Mas-O-lavo-Bilac-foi-aplaudido-em-Lisboa-ha-101-anos.-Saiba-como#gs.LoIYoZ4>>. Acesso em: 13 de jun. de 2018.